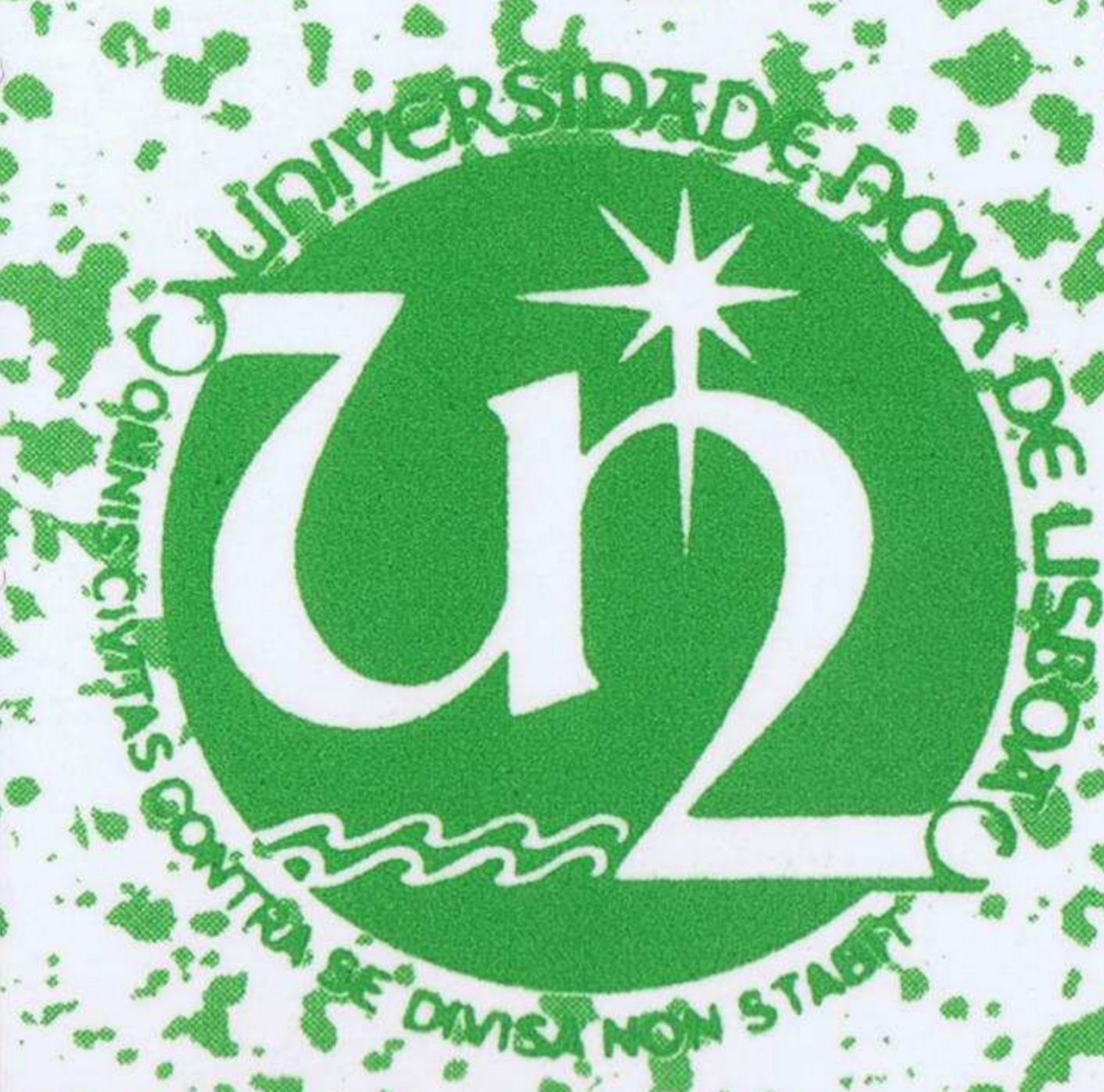




ESTUDOS ORIENTAIS

VII

TEXTOS E CONTEXTOS
A ORIENTE



INSTITUTO ORIENTAL

BOCAL DE POÇO ISLÂMICO DE SILVES

— Uma leitura possível

por Rosa Varela Gomes*
e Mário Varela Gomes**

1. Introdução

Nos finais de 1975, ou nos inícios do ano seguinte, foi encontrado pelo Sr. Joaquim Santiago, funcionário da Câmara Municipal de Silves, nos entulhos provenientes da demolição de casa situada na parte alta daquela cidade, alguns fragmentos de peça esculpida em arenito vermelho, denominado “grés de Silves”.

O senhor referido deu conhecimento do achado ao nosso Amigo José Luís Cabrita, então vereador do município e pessoa há muito interessada pela conservação, estudo e divulgação do património concelhio, que, imediatamente, solicitou o resgate dos restos existentes e verificou terem constituído um bocal de poço. Aqueles fragmentos foram, então, guardados, com outros elementos arqueológicos de diferentes procedências, na carpintaria da Câmara de Silves e passaram, nos finais da década de setenta, a fazer parte de pequena colecção arqueológica exposta na Biblioteca Municipal, que haveríamos de organizar em 1980.

Os pedaços do bocal de poço foram colados naquela data, momento a que procedemos a um primeiro estudo e à sua atribuição cronológico-cultural (fig.1).

Aquando da preparação das colecções que integram o Museu Municipal de Arqueologia de Silves, aquela peça foi restaurada pelo escultor Carlos Soares, encontrando-se em exposição na instituição referida. A mesma

* Instituto Oriental — FCSH/UNL.

** Academia Portuguesa da História e Instituto Oriental — FCSH/UNL.



Fig. 1 — Aspecto do bocal de poço, aquando da sua colagem (Foto M.V.G., RV/ 83-31)

esteve patente na mostra “*O Portugal Islâmico. Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*”, no Museu Nacional de Arqueologia, inaugurada em 1998, embora sub-valorizada, tendo em conta a importância histórico-cultural que julgamos auferir (Gomes, 1998, 150).

2. Proveniência

Através de informações prestadas por José Luís Cabrita contactámos com o Sr. Hernâni Gordinho, morador na casa em cujo pátio existia, *in situ* e sobre a boca de pequena cisterna, a peça agora dada a conhecer. A casa mencionada pertencia ao Sr. Luís Mourinho e situava-se na esquina da travessa do Hospital com a rua da Azóia, não longe da alcáçova de Silves (fig. 2).

O Sr. Hernâni Gordinho contou-nos que nunca se tinha apercebido da decoração existente nas faces do bocal de poço, apesar deste se encontrar ainda em uso na sua antiga residência, certamente devido ao facto daquelas

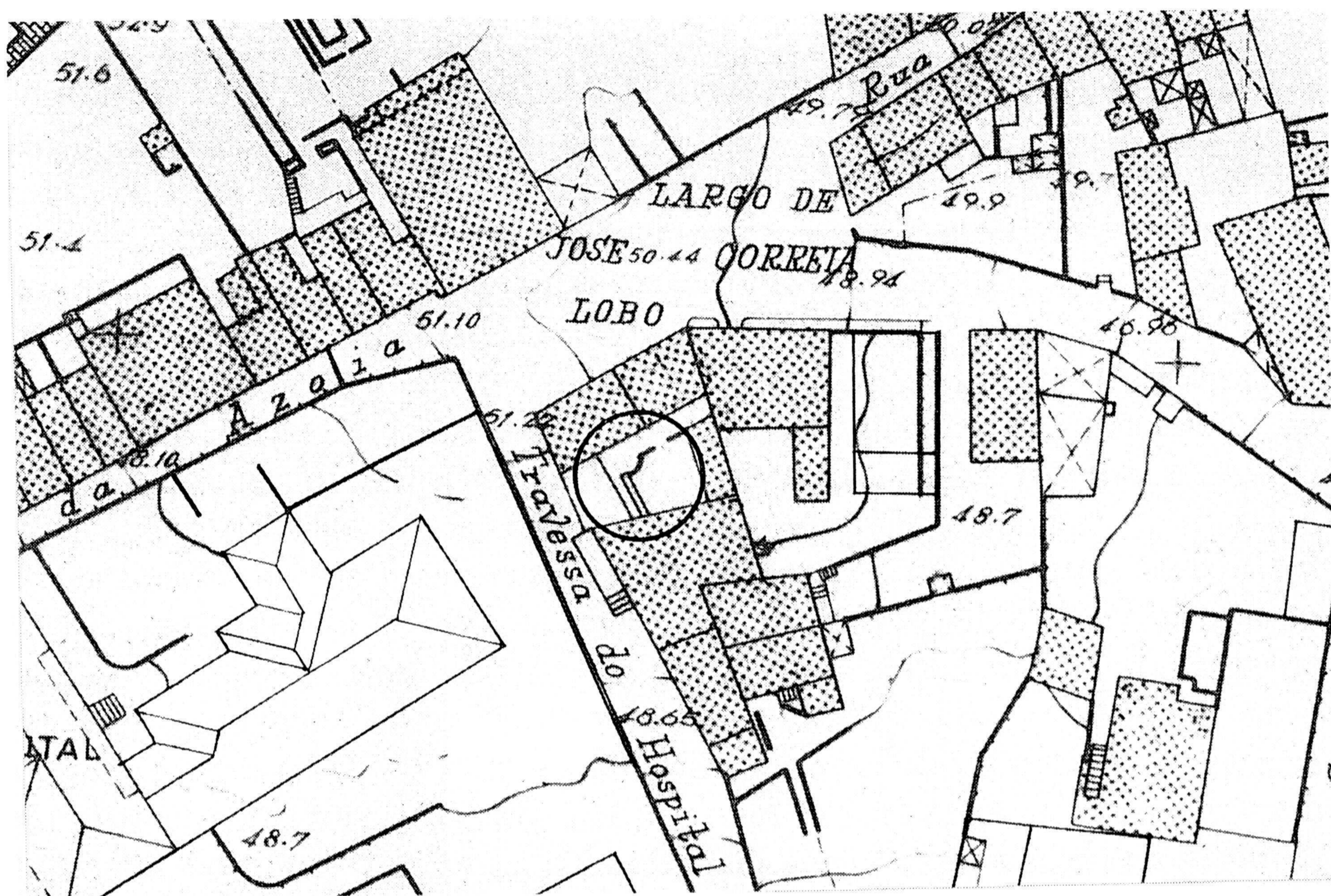


Fig. 2 — Localização da casa com pátio, onde se encontrava a cisterna provida do bocal de poço de pedra

estarem revestidas por espessa camada de argamassa, de cal e areia, tal como por numerosas demãos de cal. Só quando o bocal se partiu, durante a demolição antes referida e ao ser descarregado na entulheira, se soltaram pedaços daquele revestimento, sendo possível, ao funcionário da Câmara de Silves acima mencionado, reconhecer alguns dos seus elementos decorativos, em relevo, alertando-o para o possível interesse histórico desta peça.

José Luís Cabrita também nos informou que a filha do Sr. Jorge Penisga, então estudante de História em Coimbra, teria levado um pedaço do bocal, para o mostrar a um dos seus professores, do qual não temos notícia.

O Sr. Hernâni Gordinho deu-nos a conhecer, de igual modo, as características da cisterna que o bocal de poço servia. Tratava-se de construção subterrânea, com planta de forma quadrangular, medindo, aproximadamente, 1.70m de lado. A cobertura era em abóbada de canhão, ou de volta perfeita, e a sua altura atingia 2.20m. Ao centro da abóbada localizava-se a abertura circular, com 0.55m de diâmetro que comunicava com o bocal e permitia o acesso à água. Aquela orifício teria 0.30m de altura (fig. 3).

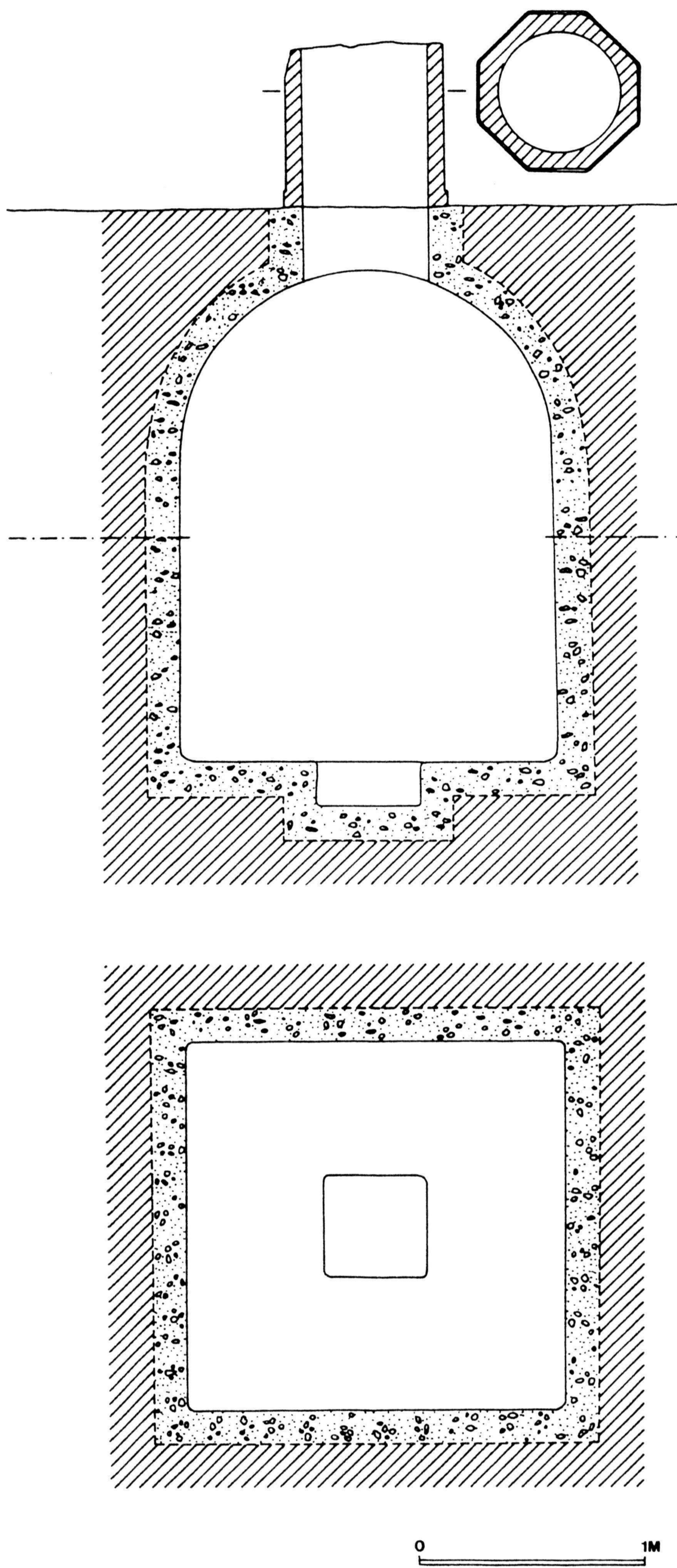


Fig. 3 — Planta e corte da cisterna a que se associava o bocal de poço (seg. M.V.G.)

No centro do fundo da cisterna existia pequena caldeira para limpeza periódica, com planta quadrangular, medindo 0.25m de lado e 0.20m de profundidade.

A estrutura subterrânea mencionada era escavada no solo e no substrato rochoso, sendo revestida por forte argamassa de cal e areia, apresentando os cantos cobertos por meia-cana de massa, como é habitual em construções similares, sendo, ciclicamente, limpa e caiada.

Observámos, na cidade de Silves e não longe do local onde se encontrava a cisterna descrita, outras semelhantes. Uma delas localizava-se a poente da alcáçova onde, ilegalmente, foram construídas uma piscina e outras edificações, situadas nas traseiras do restaurante D. Sancho³.

Os restos de outra cisterna similar foram por nós identificados a sul da Sé, em terreno onde hoje se ergue o Salão Paroquial. Tinha planta com forma rectangular, medindo 2.80m por 1.70m, cobertura em abóbada de canhão, alcançando 3.82m de altura, e apresentava caldeira cilíndrica, junto a um dos cantos. As escavações ali realizadas permitiram verificar que se encontrava sob pátio, com jardim e passeador, atribuído ao Período Almoadá, sobreposto pela necrópole cristã anexa à Sé, datada na segunda metade do século XIII (Cunha, Gomes, Gomes e Moura, 1996).

Várias pessoas nos têm informado da existência de construções idênticas, descobertas casualmente, um pouco por toda a cidade, durante obras. Também exumámos no interior do monumental poço-cisterna, na medina de Silves, pequeno fragmento de bocal de poço de cerâmica, vidrado de cor verde e contendo parte da moldura da base, atribuível a produção almoada, dos séculos XII ou XIII (fig.4-B). Um outro fragmento, contendo porção do bordo de bocal de poço, igualmente de cerâmica, com as superfícies esmaltadas de cor verde, exibindo restos de banda epigrafada, estampilhada e classificável no século XIII, fazia parte de pequeno núcleo de peças arqueológicas guardadas na Biblioteca Municipal, procedentes da área urbana ou da alcáçova de Silves (fig. 4-A). Neste último local, os trabalhos dirigidos por um de nós (R.V.G.) conduziram à redescoberta de pequena

³ O responsável por este atentado ao património histórico-arqueológico, na área de protecção do Castelo de Silves, foi denunciado e o respectivo processo julgado em tribunal da comarca de Portimão, tendo sido considerado culpado e penalizado com pesada multa. Esta verba reverteu, por decisão do meritíssimo colectivo de juízes, para o Museu Municipal de Arqueologia de Silves, tendo sido aplicada na conclusão do restauro de uma torre albarrã, como de sector da muralha anexas ao edifício do Museu e que são Património do Estado. Aqueles trabalhos decorreram sob orientação de um de nós (M.V.G.), depois de aprovados pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

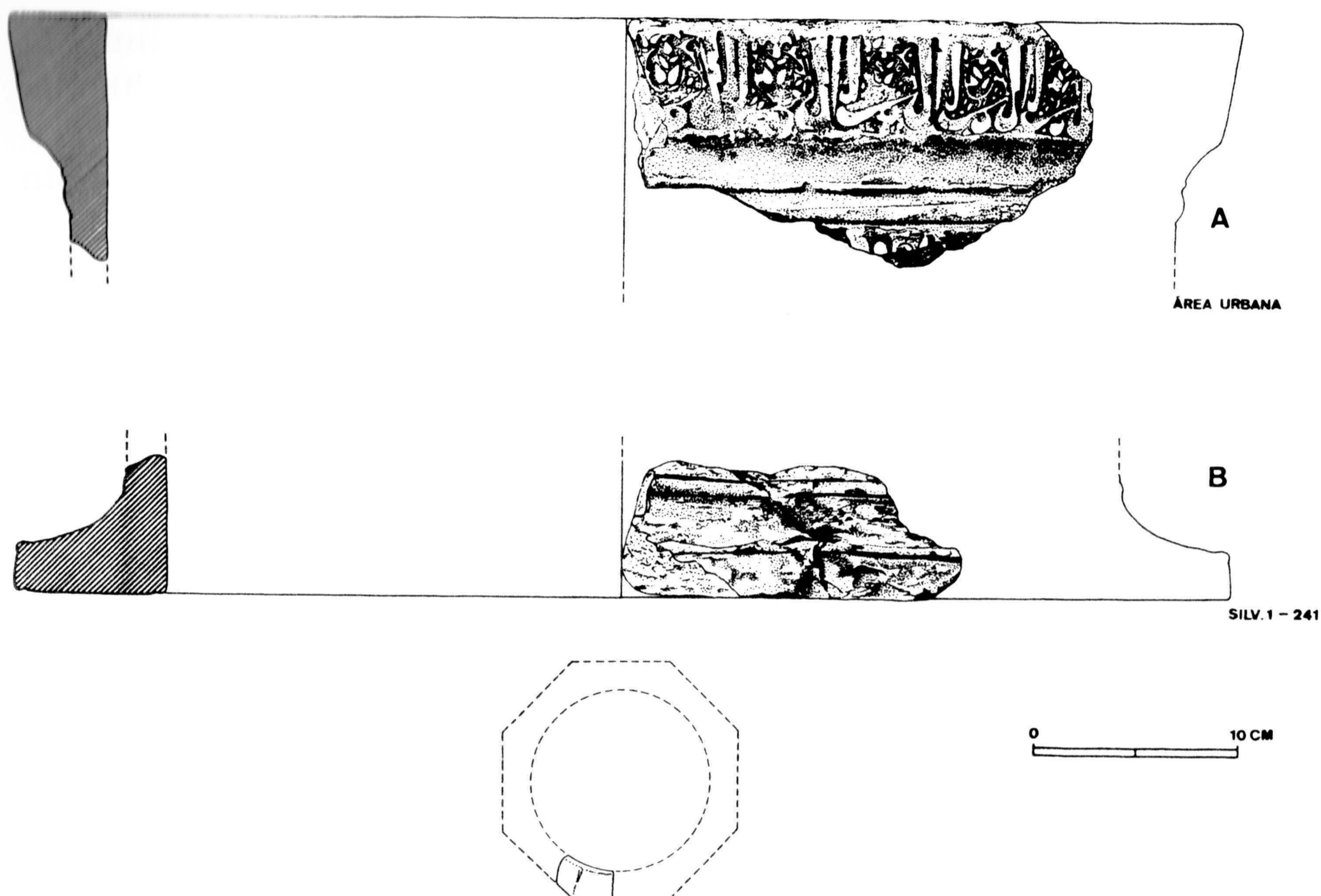


Fig. 4-A — Fragmento de bordo de bocal de poço, de cerâmica, possivelmente do Castelo de Silves; B — Fragmento da base de bocal de poço, com oito faces, procedente do poço-cisterna de Silves (seg. R.V.G. e M.V.G.)

cisterna que Estácio da Veiga havia escavado no século passado e que seria, do mesmo modo, servida por bocal de poço (Santos, 1972, 99, planta nº 19).

3. Descrição

Conforme antes referimos, o bocal de poço, estudado no presente trabalho, é uma peça monolítica, talhada em “grés de Silves”, de cor vermelha escura, mas com manchas arroxeadas e de cor ocre. Oferece forma prismática, com secção octogonal, medindo 0.70m de diâmetro e, actualmente, 0.75m de altura. Aquela primeira dimensão corresponde, aproximadamente, a um cúbito⁴ de Constantinopla (0.677m) ou a dois

⁴Cúbito em árabe diz-se *ko'ab* ou *ka'b*, que designa quadrado. A *Ka'bah* de Meca tem o mesmo radical, significando o lugar quadrado.

palmas ($2 \times 0.339\text{m}$), enquanto cada face mede cerca de um palmo (Jomard, 1822, 671). A perfuração central é cilíndrica e tem 0.54m de diâmetro (palmo e meio). Em redor da base mostra moldura de perfil rectangular, com 0.075m de altura e 0.02m de espessura.

As faces e a superfície interior foram regularizadas por boiardagem, seguida de polimento, embora se reconheçam os negativos deixados por aquela acção. Os motivos decorativos que ornamentam as oito faces desta peça foram executados em relevo, rebaixando-se as superfícies envolventes.

Aqueles, tanto os de maior dimensão como os menores, mostram a parte superior próxima do bordo, sendo possível que este fosse demarcado por moldura ou cordão em relevo, elemento que terá desaparecido devido à larga pervivência funcional desta peça, ou seja durante cerca de oitocentos anos.

Passamos a descrever os motivos decorativos de cada uma das faces, iniciando-se, arbitrariamente, a partir de uma delas e continuando-se da esquerda para a direita, conforme levantamento desenhado que apresentamos (fig. 5).

A primeira face mostra duas representações arquitectónicas, constituídas por arcarias, nas quais se apoiam abóbadas. A situada na parte superior, de menores dimensões, oferece três arcos ultrapassados, sobre colunas, assentando na extremidade superior dos dois laterais um arco de volta perfeita.

Sob a figura descrita observa-se arcaria com quatro elementos, sendo o da extremidade do lado esquerdo de menores dimensões. Trata-se de arcos apontados e sobre os vértices do segundo e do quarto arranca arco de volta perfeita, parecendo continuar os lados daqueles, tal como arco trilobulado, sendo o lóbulo central apontado.

A segunda face exhibe imagem com estrutura muito semelhante à da segunda figuração da superfície anteriormente descrita, embora evidencie o ponto de arranque dos arcos sobre as colunas e mostre, assente no topo do arco trilobulado e apontado, elemento fitomórfico. Este é formado por caule vertical, encimado por bolbo ou pétala lanceolada, ao qual estão ligadas quatro pétalas, com aquela mesma forma, no lado esquerdo e três outras, semelhantes, no lado oposto.

A face seguinte foi decorada com elemento fitomórfico algo similar ao anteriormente descrito, constituído por caule vertical e central, dois pares de pétalas opostas e três pétalas na extremidade distal, sendo a central ligeiramente maior.

A quarta face repete motivo arquitectónico com arcaria múltipla, mostrando três arcos apontados, assentando no topo dos situados nas extremidades, arco trilobulado tendo o lóbulo central apontado.

Uma enorme palmeta cuja extremidade distal seria semicircular, provida de pé na extremidade proximal e mostrando séries de pequenas incisões arqueadas, representando folhas, decora a quinta face deste bocal de poço.

A sexta face apresenta dois motivos fitomórficos semelhantes, dispostos em paralelo e na vertical. Cada um exhibe, na extremidade distal, bolbo ou pétala ovalada e, partindo do caule, dois pares de pétalas horizontais e de menores dimensões.

A penúltima face apresenta, no topo, dois elementos fitomórficos constituídos por caules verticais, cada um com dois pares de pétalas, lanceoladas, dispostas na horizontal. As extremidades distais terminariam com motivos semelhantes àqueles. Sob os dois elementos referidos observa-se disco cujo interior se encontra preenchido por finos raios curvos. Abaixo desta figura reconhecem-se dois motivos fitomórficos idênticos aos representados na face antes descrita, embora de menores dimensões.

Por fim, detecta-se facilmente enorme hexalfa, estrela de Salomão ou escudo de David, representado através da sobreposição de dois triângulos equiláteros e em cujo interior se inscreve círculo contendo elemento trilobulado, constituído pela intercepção de três círculos. O eixo de simetria do hexalfa encontra-se ligeiramente oblíquo, com inclinação para o lado direito.

4. Paralelos e integração cultural

Tanto a forma como a decoração das faces do bocal de poço de Silves, que acabámos de descrever, têm, por certo, significados precisos, decorrentes do contexto funcional, como sobretudo cultural, em que aquele elemento arquitectónico foi concebido e utilizado. Recordemos que a sociedade islâmica era, e é, profundamente religiosa, ritualizada e supersticiosa, pelo que os elementos descritos devem ser entendidos como “mensagens” num quadro semiológico preciso e, sobretudo, com funções apotropaicas e profiláticas.

Os catorze motivos, que decoram a superfície exterior do bocal de poço, podem subdividir-se nos seguintes três grandes temas: fitomórficos, arquitectónicos e geométricos.

Naqueles primeiros incluem-se três pares de ramos ou de árvores, um isolado e outro directamente associado a motivo arquitectónico, assim como uma palma, sendo os mais numerosos.

Os elementos arquitectónicos confinam-se, como vimos, às quatro representações de estruturas, que incluem teorias de arcos apontados ou ultrapassados, sobre colunas, suportando abóbadas.

Os dois elementos geométricos são de carácter estreliforme, encontrando-se um deles associado, na mesma face do bocal de poço, a dois pares de motivos fitomórficos.

Não devemos descartar linearmente a possibilidade de existirem associações de elementos figurados em algumas das faces com os das faces contíguas, para além do significado que aquelas decorações conferiam à peça arquitectónica que integravam, como um todo, articulado e coerente, relacionada com a própria estrutura que servia e a edificação onde se encontrava; problemática que abordaremos no capítulo seguinte.

No contexto mencionado é, por exemplo, aceitável que o motivo arquitectónico, aparentemente isolado, possa estar associado às figurações fitomórficas existentes de cada um dos seus lados.

Os elementos fitomórficos, que aqui surgem em maioria, são aqueles que encontramos, com maior recorrência, na simbologia decorativa de diferentes áreas do mundo islâmico. De facto, tanto a decoração arquitectónica, de madeira, estuque ou pedra, como variadas peças de mobiliário, os tecidos e sobretudo as cerâmicas, ilustram enorme profusão de temas vegetalistas, representados mais ou menos estilizados e até geometrizados.

Não são raras as figurações de caules, folhas, bolbos e flores, na ornamentação vascular do *al-Andalus*, logo a partir do século VIII, como bem ilustram numerosas peças exumadas em Silves (Gomes, 1988, 170, 171; 1995, 21, 22).

Durante o século X assistiu-se à renovação e ao recrudescimento daquela temática decorativa, designadamente nas produções peninsulares, ditas de *Medinat-az-Zahra* ou verde e castanho. A grande aceitação dos motivos fitomórficos teve, ainda, importante repercussão na gramática decorativa difundida pelos impérios magrebinos e, principalmente, entre os Almoadas. Estes utilizaram-na em profusas decorações estampilhadas, de peças de cerâmica com função ritual, nomeadamente grandes talhas para conter água, lavabos ou pias de abluções e queimadores de essências.

O elemento fitomórfico constituído por caule central, de onde partem folhas, terminando em bolbo ou grande pétala, não é tema muito comum na arte islâmica peninsular. Todavia, encontramos bom paralelo na ornamentação de estuque, da Alhambra, do tempo de *Muhammad V* (séc. XIV) (Maldonado, 1981, 86, fig. XII) (fig. 6-J).

Também as decorações com motivos arquitectónicos, designadamente teorias de arcos e arcos sobrepostos, foram muito usadas no Período Almoadá, encontrando-se exemplares em elementos construtivos, de pedra ou estuque, e na cerâmica, através da ornamentação plástica ou estampilhada, de talhas e de queimadores de essências.

Os hexalfas ou estrelas de Salomão são motivos recorrentes na arte islâmica e, nomeadamente, na peninsular, estando presentes na decoração de cerâmicas. Uma taça, esmaltada de cor branca, com decoração nas cores verde e castanha, mostra, no interior do fundo, dois hexalfas concêntricos, intercalados por motivo fitomórfico com o mesmo número de lóbulos. Ao centro do hexalfa de menores dimensões encontra-se pequeno círculo (Zozaya, 1981, 45).

Aquela peça, proveniente da cidade de *Medinat-az-Zahra*, fundada pelo califa *Abd al-Rahman III* em 936, integra característico tipo de produção cerâmica peninsular do século X. Um de nós (R.V.G.) tem vindo a demonstrar que ela segue protótipos orientais, que no nosso território ascendem ao século VIII (Gomes, 1988, 97, 98; 1995, 21, 22, 30).

Constituem antecedentes do uso do mesmo motivo decorativo uma taça de *Raqqada* (Kairouan-Tunísia) (M.A.I.-142), atribuída à dinastia aglábida e ao século IX (Daoulatli, 1996, 78, 79, fig. 18). Mostra o interior do fundo preenchido por motivo estreliforme, com seis pontas, onde se inscreveu círculo reticulado.

Igualmente diversas peças de *Hama*, na Síria, ou de *Nishapur* e *Tépé Apadana*, no Irão, exibem decorações pintadas com motivos estelares, meandriformes, geométricos e fitomórficos, com seis pontas (Riis e Poulsen, 1957, 152, 153; Kervran, 1977, 133, 145, 157; Wilkinson, 1973, 37, 67). Em iluminura da obra *Maqamat* de *al-Hariri*, do século VIII, observa-se elemento decorativo preenchido com motivos hexagonais (El-Said e Parman, 1976, est. 17).

Também se encontram estrelas de seis pontas, geralmente integradas em círculos, na decoração de recipientes metálicos. Um tinteiro, de latão damasquinado, procedente de *Khurasan* e datado no século XII, mostra aquele motivo (Ward, 1993, 15, fig. 6). Caldeiro, igualmente iraniano, datado nos inícios do século XIV, que conserva o *British Museum*, exhibe elemento idêntico (Wilson, 1992, 19, fig. 56) (fig. 6-G).

A utilização da estrela de Salomão na gramática decorativa empregue nas cerâmicas e tendo, possivelmente, carácter apotropaico perviveu, conforme demonstram matriz e fusaiola recuperadas na alcáçova de Almería (fig. 6-A,B). Estas foram datadas, segundo D. Duda (1970, est. 3), do

Período Almorávida-Almoada, ou, de acordo com Llubíá (1967, 77, 78) precederiam imediatamente o Período Nazarí. O mesmo tema aparece em fusaiola de cerâmica, encontrada junto à porta de Purchena, na cidade de Almería, com cronologia incerta mas, seguramente, islâmica (Escobosa e Martín, 1993, 149, 150) (fig. 6-C).

Um fragmento de grande vasilha, talvez de talha, procedente da área urbana de Silves (Fábrica do Inglês), mostra estampilha constituída por hexalfa, com ponto central e muito semelhante ao do bocal de poço da mesma cidade (fig. 6-D).

Fragmento de bocal de poço, de cerâmica, esmaltada de cor verde, exumado em *Sidi Bou Othman*, a norte de Marraquexe, exhibe decoração impressa onde se observa linha de estampilhas circulares, contendo estrelas de seis pontas (Leyva e Martínez, 1999, 119).

Outras estampilhas, utilizadas na decoração de talhas ou de lavabos, apresentam, com frequência, motivos florais hexapétalos. Trata-se de produções almoadas, dos finais do século XII e da primeira metade da centúria seguinte. Àquele período pertence parte de taça esmaltada, do Castelo de Silves (Q79/ C2-2), cujo interior era decorado com pequenas estampilhas circulares contendo estrela de Salomão (fig. 6-E).

Nas iluminuras de livros religiosos utilizaram-se, não raro, estrelas de seis pontas, por vezes desenvolvendo-se em complexas laçarias e quase sempre inseridas em círculos. Um Corão, hoje na biblioteca *Topkapi Saraz* de Istambul, atribuído a produção ibérica do século XII, mostra aquele motivo (fig. 6-F). Livros sagrados, de origem iraquiana ou iraniana, dos finais do século XI, como o da biblioteca do santuário *Mashad* ou o da colecção *Aga Mahdi Kashani*, de Teherão, exibem idêntica ornamentação (Wilson, 1992, 19, fig. 56) (fig. 6-H,I).

A estrela de seis pontas e as composições hexagonais encontram-se, de igual modo, bem representadas na decoração arquitectónica do *al-Andalus*, conforme tem vindo a documentar Pavón Maldonado (1989, 209-219). A composição hexagonal surge, por exemplo, em gelosia da mesquita maior de Córdoba, do século X. Todavia, a mais antiga representação arquitectónica de estrela com seis pontas, na Península Ibérica, conserva-se na Aljafaria (Saragoça), sendo datada no século XI (Maldonado, 1989, 203).

Paralelos importantes, para o tema que temos vindo a abordar, podem ser observados em duas placas apotropaicas do Castelo de Gormaz (Sória), datadas da segunda metade do século X (*ca* de 965) (Valdés, 1978-79, 183). Localizam-se na parte alta do sector ocidental da muralha, colocadas a cada um dos lados de estela funerária hispano-romana a que a presença de motivo

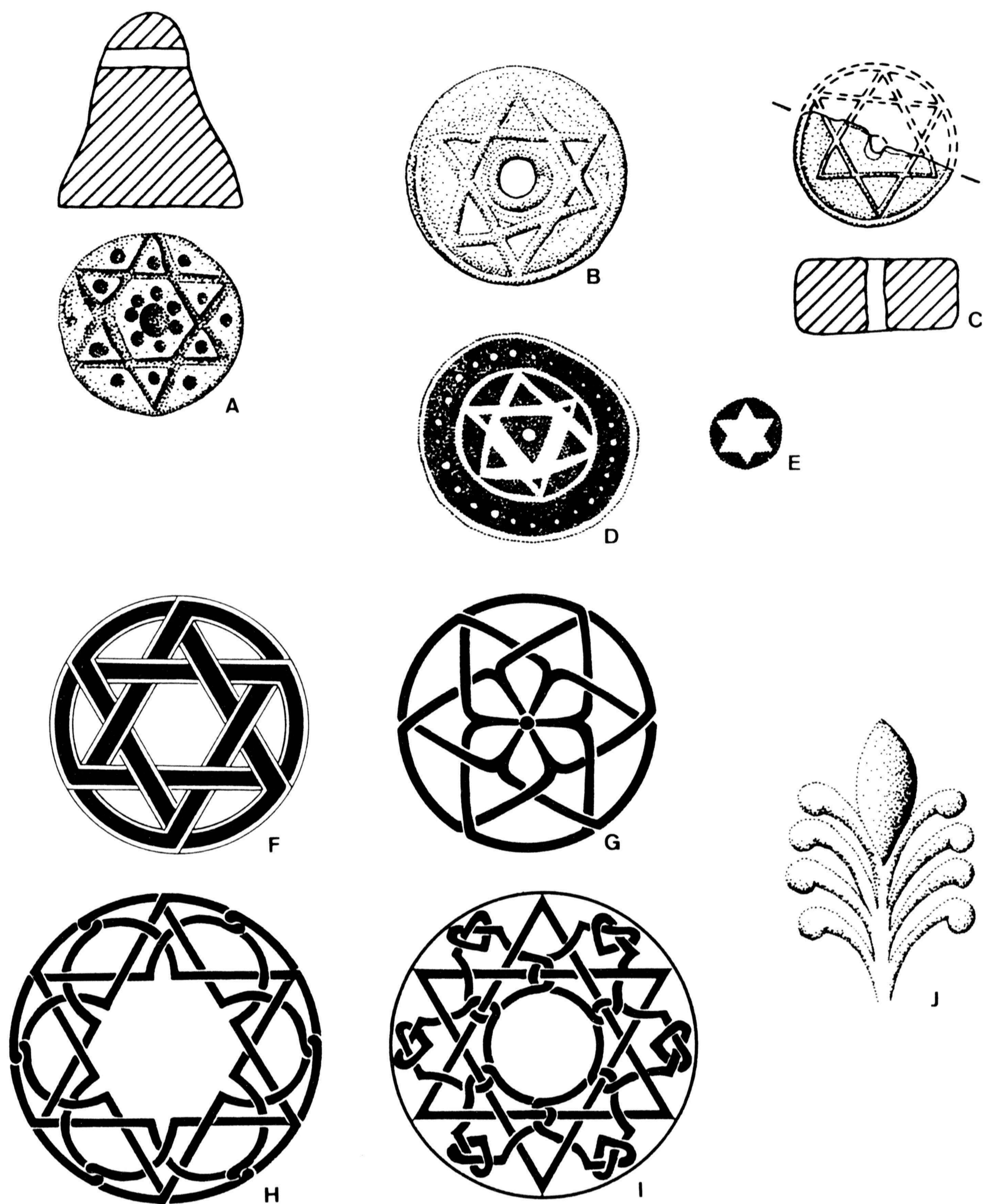


Fig. 6 — Estrelas de Salomão em decorações islâmicas. A -matriz de cerâmica da alcáçova de Almería; B-fusaiola da alcáçova de Almería; C-fusaiola da Porta de Purchena, Almería; D-estampilha de talha de Silves; E-estampilha de taça do Castelo de Silves (Q 79/ C2-2); F-Corão da biblioteca *Topkapi Saray*; G-vasilha de bronze do Irão; H-Corão, do Irão ou do Iraque, da biblioteca do santuário *Mashad*; I-Corão, do Irão ou do Iraque, da colecção *Aga Mahdi Kashani*; J-estruque da Alhambra (A e B, seg. D. Duda, 1970, est. 3; A e C, seg. I.F. Escobosa e M. del M. M. Martín, 1993, 149, 150; D e E, seg. R.V. Gomes e M.V. Gomes; F-I, seg. E. Wilson, 1992, fig. 56; J, seg. B.P. Maldonado, 1981, 86, est. XII)

hexapétalo, rodeado por pequenas rosáceas e integrado em círculo, conduziu a que tenha sido reutilizada com idêntica função. A placa situada à direita da mencionada mostra cartela quadrangular contendo círculo e este estrela de seis pontas, cujo interior desenha hexágono e inscreve círculo. Nos cantos do quadrado reconhecem-se motivos fitomórficos. A placa oposta foi subdividida em três zonas verticais, sendo a central decorada por laçarias que compõem figura octogonal, a da esquerda é anicónica e a da direita apresenta rectângulo ao centro e dois círculos de cada um dos lados, contendo o superior estrela de Salomão e o inferior flor hexapétala. As placas de Gormaz encontram-se *in situ* e voltadas para poente, tendo sido interpretadas como capazes de afastar os génios malignos da noite, dado contem símbolos relacionados com a vida eterna, de carácter solar e contrários à escuridão, própria do mundo dos mortos (Valdés, 1977; 1978-79; Zozaya, 1988; Gomes e Gomes, 1997, 145).

As estrelas de seis pontas integram a decoração de diversos monumentos, sobretudo religiosos, do Próximo Oriente. Importa referir que tal motivo está patente na entrada da *madraza Zahiriyah* de Damas (Síria), do terceiro quartel do século XIII (Maldonado, 1989, 204). De igual modo, a *madraza Mustansiriyyah* de Bagdade (Iraque), do primeiro quartel do século XIII, mostra painéis decorados com hexágonos ou com estrelas de seis pontas (El-Said e Parman, 1976, ests 25, 30). Os mesmos motivos geométricos ornamentam as placas de revestimento, de bronze, de porta da mesquita *al-Qarawiyyin* de Fez (*Bab Sbitriyn*), atribuída a produção almorávida e, portanto, do século XII (Cambazard-Amahan, 1989, 73-76).

Os principais paralelos iconográficos observados, para a decoração das faces do bocal de poço de Silves, nomeadamente para os motivos de carácter fitomórfico e arquitectónico, indicam tratar-se de produção tardia, no contexto da arte islâmica peninsular, e, portanto, atribuível ao Período Almoadá. Por outro lado, apesar do motivo estrelar (hexalfa) ocorrer em manifestações artísticas mais recuadas, ele surge com maior frequência, e sobretudo em contextos religiosos, igualmente naquele período. Também a técnica empregue na obtenção dos relevos que constituem a decoração do bocal de poço, onde, por exemplo, não se utilizou o talhe em bisel, característica do Período Califal, tal como a própria produção daquele elemento arquitectónico, para o qual dispomos de outros paralelos de pedra ou cerâmica, permitem a sua classificação no Período Almoadá.

5. Interpretação

O elemento arquitectónico que temos vindo a tratar é, sem dúvida, excepcional no contexto das produções islâmicas peninsulares. A sua forma e decoração encontram-se carregadas de simbolismo, o que, a atender ainda ao local onde se localizava, conduz a defendermos ter integrado edifício de carácter religioso, muito possivelmente a *madraza* de Silves.

Aquela instituição ocuparia edifício próximo ou anexo à mesquita maior da cidade (*aljama*) e ambas construções situar-se-iam na actual rua da Azóia, onde o bocal de poço foi utilizado, *in situ*, até meados dos anos setenta do presente século.

Como se sabe, a palavra azóia deriva do árabe *az-zauia*, que significa ermida ou capela e traduzia, por vezes, o termo romance “claustro”, indicando a muito provável existência da mesquita (Machado, 1958,339).

A problemática relativa à localização daquele templo foi já tratada com maior detalhe em trabalho recente, onde se concluiu não ter ocupado o espaço onde hoje se ergue a Sé, conforme conta a tradição, mas sim sítio alto da cidade, talvez mesmo no quarteirão que conservava a cisterna com o bocal de poço agora estudado (Gomes, 1999, 1578, 1580, 1584).

Também a *madraza al-Yadid* ou Nova, erguida nas imediações da mesquita maior de Ceuta, era servida por cisterna com bocal de poço monolítico, de mármore, profusamente decorado e contendo duas inscrições em caracteres cúficos. Esta peça integra actualmente as colecções do Museu Arqueológico de Cádiz e foi atribuída à primeira metade do século XIV, data da construção do edifício onde se encontrava (Cravioto, 1995, 221, 225).

As *madaris* (pl. de *madraza*), instituições islâmicas dedicadas ao ensino, religioso e filosófico, foram primeiramente criadas no Próximo Oriente, mais concretamente no *Khurasan* (Irão), na segunda metade do século XI. A sua divulgação foi rápida, não só nas principais cidades do Irão como em muitas do Iraque (Golvin, 1995, 20).

A única *madraza* da Península Ibérica testemunhada através de restos arquitectónicos e epigráficos é a de Granada, construída, em 1349, por *Yusuf I*. No entanto, diferentes autores muçulmanos mencionam a presença de *madaris*, no *al-Andalus*, com data anterior àquela, nomeadamente em Múrcia, algumas das quais talvez mandadas erguer, nos finais da século XII, por *Abu Yusuf Yaqub al-Mansur* (1184-1196), ou durante o seu reinado (Cabanelas, 1988, 34).

O surto de construção de *madaris* corresponde à tentativa de melhor divulgar novas interpretações corânicas, substituindo o importante papel

na propagação ideológica que até então vinha sendo desempenhado, na Península Ibérica e no Norte de África, pelos *ribat*.

É, pois, possível que a Silves islâmica, depois da reconquista almoada de 1191, pelos exércitos de *al-Mansur*, passasse, como cidade com largas tradições religiosas e culturais, a dispôr de *madraza*. Não esqueçamos que ali se contavam, durante o período acima referido, vinte e seis sábios, enquanto, por exemplo, Faro e Mértola apenas dispunham de dois, Évora de três, Beja de seis e Sevilha, um dos principais centros religiosos almoadas, comportava duzentos e noventa e um (Mazzoli-Guintard, 1996, 332-334).

Conforme é comum à arquitectura das outras *madaris*, também a de Silves teria pátio central, provido de cisterna e com o bocal de poço decorado que chegou até nós, próximo do *iwan*, ou seja da sala onde se ensinava.

A simbologia usada na forma e decoração do bocal de poço deveria ter função didáctica, ligada ao contexto religioso que integrava. Julgo que podemos, mesmo, comparar o discurso iconográfico nele patente com os aspectos narrativos que contêm numerosos capitéis, de igrejas e mosteiros românicos, muitos deles, aliás, seus contemporâneos.

Naquele contexto, o número oito, o do total das faces do bocal de poço, e que surge, de igual modo, em peças congêneres de cerâmica, é o das direcções dos pontos cardiais e colaterais, simbolizando o equilíbrio universal, representado no Oriente pelas oito pétalas da flor do lótus ou por outros elementos fitomórficos octogonais.

Um bocal de poço, de cerâmica, procedente de Sevilha, e decorado com corda seca parcial, de cor verde, datado dos inícios do século XI (1038), apresenta, igualmente, oito faces (Caviró, 1991,56,57). Teria, também, oito faces o bocal, de cerâmica, cujo fragmento exumámos no poço-cisterna (fig. 4-B).

Desconhecemos qual a orientação que presidiu à colocação do bocal monolítico de Silves sobre a cisterna. No entanto, julgamos, tendo em conta o número de faces e a variabilidade da temática decorativa empregue, que aquela bem poderia estar relacionada com a sua disposição. Todavia, caso a face decorada com a estrela de seis pontas se encontrasse voltada para poente, na direcção da entrada na *madraza*, a iconografia das restantes faces, associada à sua orientação, passavam a evidenciar organização lógica, contendo significado específico que tentaremos descodificar (fig. 7).

Recordemos, ainda, tendo em vista suportar a disposição indicada, de que as placas apotropaicas do castelo de Gormaz se encontram exactamente no pano de muralha voltado para poente, como também a entrada das *madaris Zahiriyah*, de Damas, e *Mustansiriyyah*, de Bagdade, anteriormente citadas, foram decoradas com motivos estreliformes de seis pontas, cuja

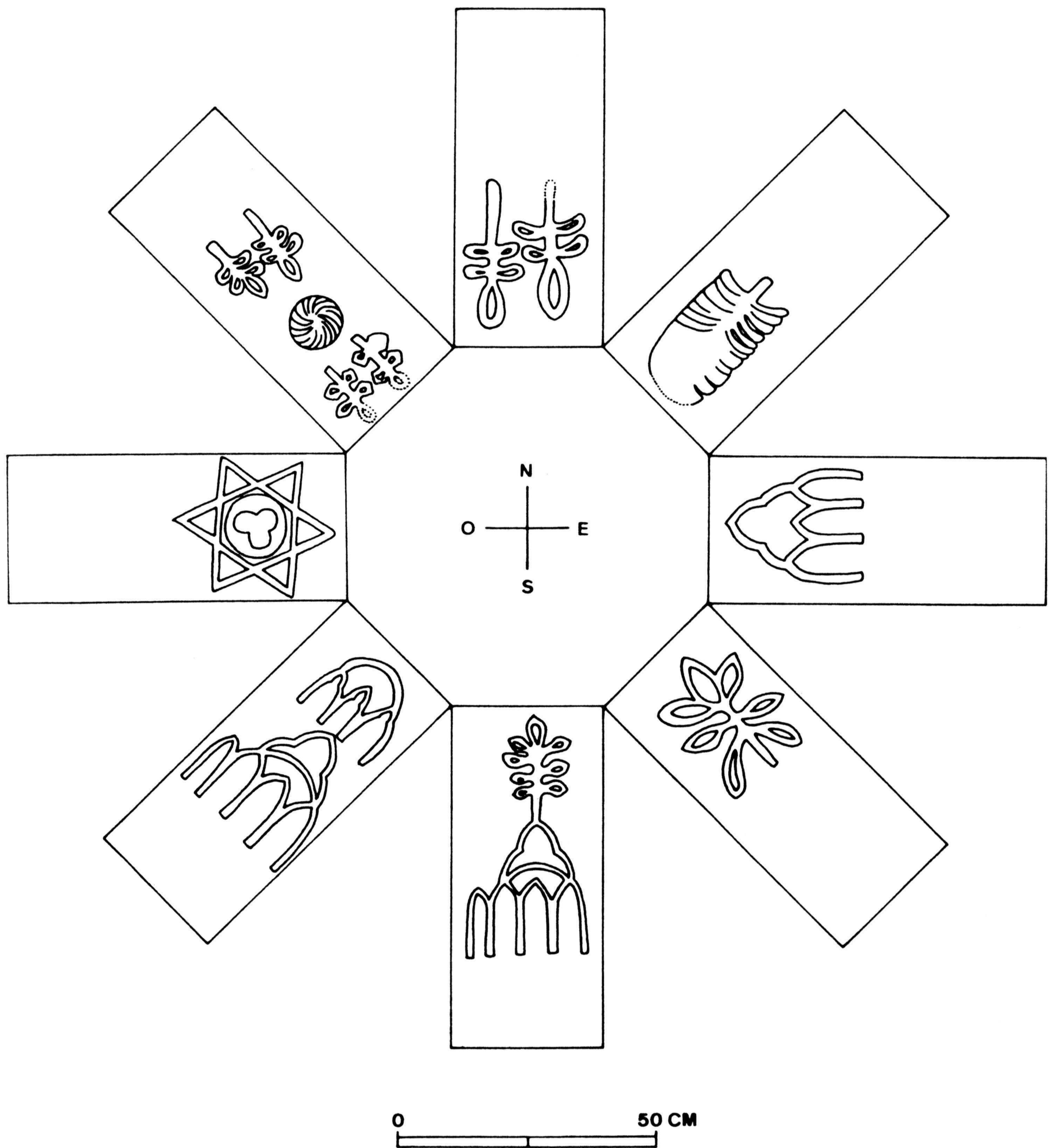


Fig. 7 — Orientação, provável, das faces do bocal de poço (seg. R.V.G. e M.V.G.)

função de afastar os espíritos perversos é bem conhecida no mundo islâmico.

O número seis é, no Islão, considerado perfeito, correspondendo aos dias da criação do mundo. Os motivos estreliformes integrados em círculos ou contendo círculos, conforme acontece no presente caso, carregam a ideia de perfeição, conotada com a organização própria do Cosmos e, portanto, contrária ao Caos, contendo o poder de esconjurar o mal nele gerado e, especificamente, a força capaz de anular os maus olhados (Chevalier e Gheerbrant, 1997, 203, 591). Idêntica função apotropaica deve ter a decoração da porta da mesquita *al-Qarawiyyin* de Fez, já referida.

Estaria voltada para sudoeste a face do bocal contendo as duas representações arquitectónicas, certamente figurando, como que em corte, duas mesquitas. As suas abóbadas, representando o Universo, repousam sobre arcarias. A direcção geográfica ajuda à interpretação, sugerindo tratar-se dos templos principais de *Tinmal*, berço dos Almoadas, e de Marraquexe (*Kutubiyya*), a sua principal cidade santa.

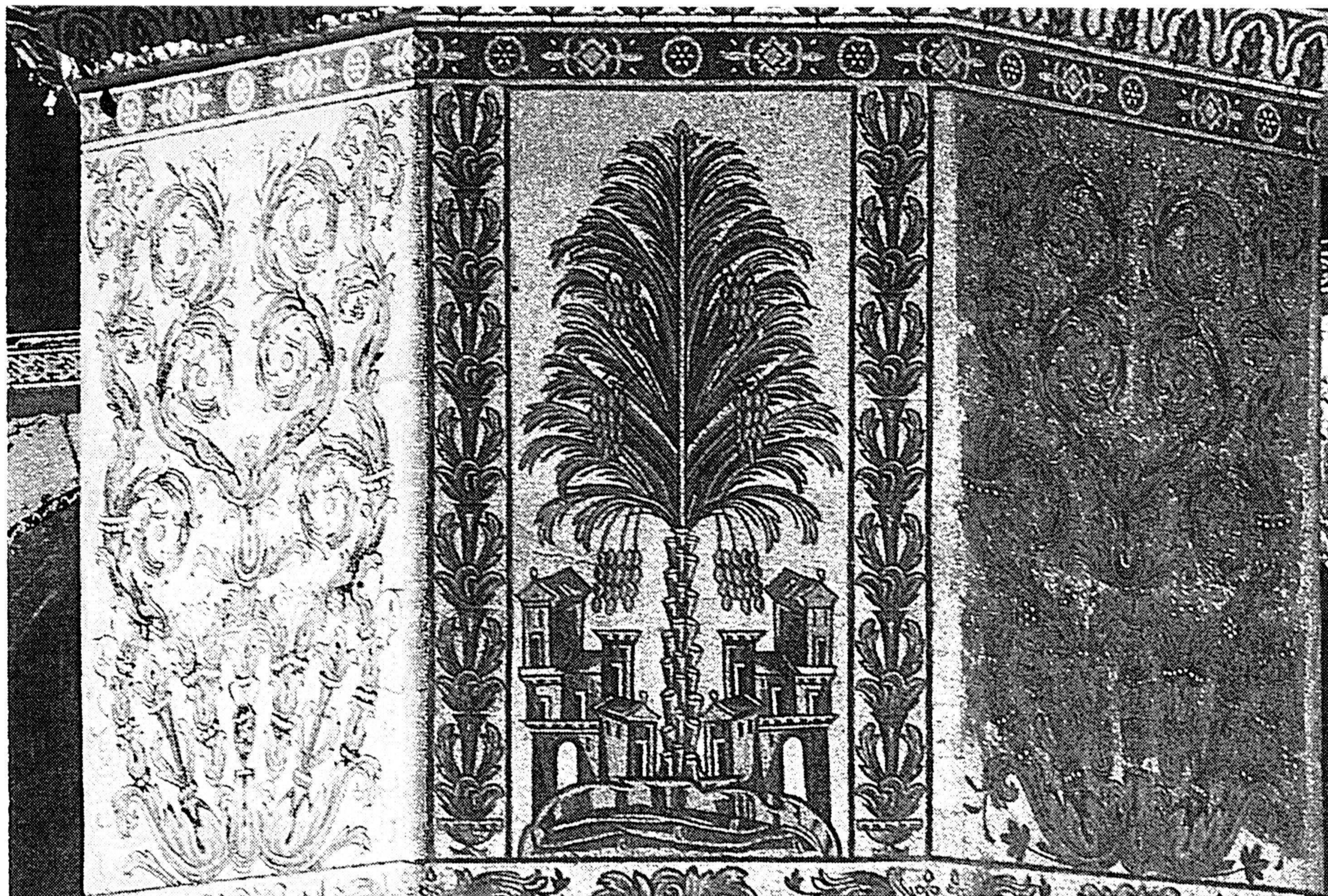


Fig. 8 — Representação de “árvore da vida”, na “câmara do tesouro”, da grande mesquita omíada de Damasco (seg. H. Stierlin, 1997, 53).

As diferenças dimensionais entre aquelas duas imagens, tal como distintos atributos, ajudam a caracterizar o desempenho de ambos templos na génese da renovação religiosa devida ao último grande império magrebino.

Segundo a disposição proposta para o bocal de poço, fica dirigida para sul a face mostrando outra grande representação arquitectónica, encimada por elemento fitomórfico. A orientação indica a grande mesquita *H'assan* de Rabat, e o elemento vegetalista, uma “árvore da vida”, deve simbolizar a “Unidade” almoada e a regeneração perpétua. Sabe-se que naquele templo se congregavam as tropas, oriundas de diferentes regiões do Magrebe, para partirem na árdua missão de difundirem a fé em *Allah* e os novos preceitos corânicos.

O tema da “árvore da vida”, associado aos santuários encontra-se presente em mosaico do século VIII que decora a “câmara do tesouro”, da grande mesquita de *al-Walid* de Damasco (Stierlin, 1997, 53) (fig. 8). Existem decorações vasculares onde se observam “árvores da vida”, entre animais afrontados, representando, para os muçulmanos xiitas, a *hakikat*, ou seja a união completa com Deus (Maldonado, 1981, 160-166; Chevalier e Gheerbrant, 1997, 89).

A face voltada para sudeste oferece outra representação de “árvore da vida”, enquanto a orientada a nascente ostenta nova figuração arquitectónica, com maiores dimensões que as restantes e cuja direcção indica o principal templo do Islão, a grande mesquita de Meca.

As três últimas faces, dirigidas para nordeste, norte e noroeste, mostram elementos fitomórficos, embora na última associados a disco raiado no interior, certamente representando o Sol, entre dois pares ou “casais” de “árvores da vida”, no solstício de Verão, quando desaparece naquela direcção, para voltar a renascer no dia seguinte. Os círculos consubstanciam conceitos como a perfeição, a unidade, a imortalidade e o absoluto, simbolizando o Céu, o Sol e a Grandiosidade Divina. Não esqueçamos que o cubo negro da *Ka'bah* de Meca se ergue sobre espaço circular branco. Também a palma, que se observa na face do poço voltada para nordeste, é um símbolo de imortalidade, mas ainda de vitória e de ascensão (Chevalier e Gheerbrant, 1997, 203, 502).

Podemos concluir, conforme argumentámos, que o bocal de poço agora publicado pertenceu à *madraza* de Silves, edificada nos finais do século XII, muito provavelmente no reinado de *al-Mansur*. A existência daquela instituição e da rara iconografia que decora as oito faces do bocal de poço, ilustram importante surto de renovação religiosa ocorrido com os Almoadas e, sobretudo, formas da sua propagação no extremo ocidental do *Gharb*. Ali ficaram expressos aspectos ideológicos, tanto de âmbito mágico-religioso como de carácter político.

BIBLIOGRAFIA

- CABANELAS, D., 1988, La madraza arabe de Granada y su suerte en Epoca Cristiana, *Cuadernos de la Alhambra*, vol. 24, pp. 29-54.
- CAMBAZARD-AMAHAN, C., 1989, *Le Décor sur Bois dans L'Architecture de Fès. Époques Almoravide, Almohade et Début Mérinide*, Centre National de la Recherche Scientifique, 235 pp., 33 figs, XL ests, Paris.
- CAVIRÓ, B.M., 1991, *Cerâmica Hispanomusulmana Andalusí y Mudéjar*, Ediciones el Viso, 350 pp., 381 figs, Madrid.
- CHEVALIER, J., e GHEERBRANT, A., 1997, *Dicionário dos Símbolos*, Círculo dos Leitores, 727 pp., Lisboa.
- CRAVIOTO, C.G., 1995, *El Urbanismo Religioso y Cultural de Ceuta en la Edad Media*, Instituto de Estudios Ceutíes, 273 pp., Ceuta.
- CUNHA, A.S., Gomes, R.V., Gomes, M.V., e Moura, M. da G.S., 1996, A sepultura 1 da necrópole da Sé de Silves (Algarve, Portugal). Ritual e patologias, *Actas del II Congreso Nacional de Paleopatología*, vol. 1, pp. 177-182, Valência.
- DAOULATLI, A., 1996, La production vert et brun en Tunisie du IXe au XIIe siècle. Étude historique et stylistique, *Le Vert et le Brun, de Kairouan à Avignon, Céramiques du Xe au XVe siècle*, pp. 69-89, Musées de Marseille-Réunion des Musées Nationaux, Marseille.
- DUDA, D., 1970, *Spanisch-Islamisch Keramik Aus Almería vom. 12. bis 15. Jahrhundert*, Ed. F. H. Kerle Verlag, 40 pp., 9 figs, 27 ests, Heidelberg.
- EL-SAID, I., e PARMAN, A., 1976, *Geometric Concepts in Islamic Art*, World of Islam Festival Publishing Company Ltd., 154 pp., 103 figs, 54 ests, London.
- ESCOBOSA, I. F., e MARTIN, M. del M. M., 1993, Función Técnica, *Vivir en Al-Andalus. Exposición de Cerámica (S. IX-XV)*, pp. 143-154, Instituto de Estudios Almerienses, Almería.
- GOLVIN, L., 1995, *La Madraza Médiévale*, Edisud, 333 pp., 92 figs, 86 ests, Aix-en-Provence.

- GOMES, R.V., 1988, Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves, *Xelb*, vol. 1, 294 pp.
- GOMES, R.V., 1995, Cerâmicas muçulmanas dos séculos VIII e IX de Silves, *Primeiras Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo*, pp. 21-34, Ed. Câmara Municipal de Tondela, Tondela.
- GOMES, R.V., 1998, Bocal de Poço, *Portugal Islâmico. Os Últimos Sinais do Mediterrâneo*, p. 150, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- GOMES, R.V., 1999, *Silves (Xelb)-Uma cidade do Gharb al-Andalus Arqueologia e História (séculos VIII-XIII)*, Dissertação de Doutoramento em História-Especialidade de Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa (F.C.S.H.), texto policopiado, 1750 pp., Lisboa.
- GOMES, R.V., e Gomes, M.V., 1997, Placas apotropaicas do Castelo de Silves, *Estudos Orientais*, vol. VI, pp. 141-151.
- JOMARD, E., 1822, Mémoire sur le système métrique des Anciens Egyptiens, contenant des recherches sur leurs connoissances géométriques et sur les mesures des Autres Peuples de l'Antiquité, *Description de l'Égypte*, t. VII, pp. 496-802, Paris.
- LEYVA, C.C., e MARTÍNEZ, I.C., 1999, *Itinéraire Culturel des Almoravides et des Almohades, Maghreb et Péninsule Ibérique*, Junta de Andalucía, 515 pp., Madrid.
- LLUBIÁ, L.M., 1967, *Cerámica Medieval Española*, Nueva Colección Labor, 195 pp., 294 figs, Barcelona.
- KERVAN, M., 1977, Les niveaux islamiques du secteur oriental du Tépé de l'Apadana, *Cahiers de la Délégation Archéologique Française en Iran*, vol. 7, pp. 75-161.
- MACHADO, J.P., 1958, *Influência Árabe no Vocabulário Português*, Ed. de Álvaro Pinto, vol. I, 339 pp., Lisboa.
- MALDONADO, B. P., 1981, *El Arte Hispanomusulmán en su Decoración Floral*, Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 197 pp., XXX figs, 628 ests, Madrid.
- MALDONADO, B.P., 1989, *El Arte Hispano-Musulmán en su Decoración Geométrica, Una Teoría para un Estilo*, Ed. Agencia Española de Cooperación Internacional, 508pp., CCLXII ests, Madrid.
- MAZZOLI-GUINTARD, C., 1996, *Villes d'al-Andalus, L'Espagne et le Portugal à l'Époque Musulmane (VIIIe- XVe siècle)*, Presses Universitaires de Rennes, 430 pp., 8 figs, 58 mapas, Rennes.
- RIIS, P.J., e POULSEN, V., 1957, *Hama-Fouilles et Recherches de la Fondation Carlsberg, 1931-1938*, Ed. Nationalmuseet, 316 pp., 5 ests, Copenhagen.

- SANTOS, M. L. E. da V. A. dos, 1972, *Arqueologia Romana do Algarve*, vol. II, 425 pp., 6 mapas, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- STIERLIN, H., 1997, *Islão de Bagdade a Córdova. A Arquitectura Primitiva do Século VII ao Século XIII*, Taschen, 240 pp., Lisboa.
- VALDÉS, F., 1977, Relieves musulmanes de caracter profilactico en la fortaleza de Gormaz (Soria), *Actas del XIV Congreso Nacional de Arqueologia*, pp. 1275-1278, 2 ests, Zaragoza.
- VALDÉS, F., 1978-79, Precisiones cronologicas sobre los relieves profilacticos de la fortaleza de Gormaz (Soria), *Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia*, vols 5-6, pp. 177-185, 2 ests.
- WORD, R., 1993, *Islamic Metalwork*, British Museum Series, 128 pp., 96 ests, London.
- WILKINSON, C.K., 1973, *Nishapur Pottery of the Early Islamic Period*, Ed. Metropolitan Museum of Art, 374 pp., 200 figs, 5 ests, New York.
- WILSON, E., 1992, *Islamic Designs*, British Museum Pattern Book, 21 pp., 100 figs, London.
- ZOZAYA, J., 1981, Cerámica andalusí, *Cerámica Esmaltada Española*, pp. 37-50, Ed. Labor, Barcelona.
- ZOZAYA, J., 1988, Evolución de un yacimiento: el Castillo de Gormaz (Soria), *Castrum*, nº 3, pp. 173-178.